

PINTURAS RUPESTRES – TCHITUNDO-HULU

WIKIPEDIA

Tchitundo-Hulu (também grafado Tchitundulo) é um morro granítico situado no município de Virei, 137 km a leste da cidade do Namibe, na província do mesmo nome, em Angola.

O local é conhecido pelas gravuras/pinturas rupestres do "Morro Sagrado dos Mucuïsses", um dos mais belos conjuntos rupestres da Pré-História existentes em Angola, onde abundam representações de animais e desenhos esquematizados.

A estação arqueológica do Tchitundo-Hulu tem uma idade de mais de quatro mil anos e é o ponto de partida das artes rupestres de África que têm o seu início na província do Namibe. Apesar da relevância do local, as gravuras correm o risco de desaparecer, pelo empolamento, por acções térmicas, da camada superficial da rocha que depois se fragmenta. As principais gravuras encontram-se no grande morro granítico que dá acesso à chamada "Casa Maior" que se abre sobre a falésia em forma de anfiteatro.

As gravuras/pinturas são datadas do Paleolítico e Neolítico e atribuídas a povos que habitavam o local, antes à chegada dos bantus.

BLOG: MOÇAMEDES O ANTIGAMENTE

Pintura de Tchitundu-Hulu, Namibe, Angola.

"São as gravuras rupestres do "Morro Sagrado dos Mucuïsses" um dos mais belos conjuntos rupestres da Pré-História de Angola. Encontram-se num morro granítico, chamado Morro do Tchitundo-Hulu ou Tchitundulo, situado em Capolopopo, a cerca de 137 km, para leste da cidade de Moçamedes, no deserto do mesmo nome, na sua faixa semi-desértica, área do posto administrativo do Virei e nas fronteiras da concessão do Karaculo, um pouco ao Sul do Paralelo de Porto Alexandre.

Estão estas gravuras em riscos de desaparecer, pelo empolamento, por acções térmicas, de uma camada superficial que depois se fragmenta. A interpretação e conservação das pinturas do Morro do Tchitundulo, embora difícil, torna-se, por isso, urgente. Encontram-se essas inscrições no grande morro granítico que dá acesso à chamada Casa Maior que se abre sobre a falésia em forma de anfiteatro. Quase toda – talvez mesmo toda – a grande pedra de granito por onde se atinge a base Maior encontra-se atapetada de gravuras. Qual a idade daquelas gravuras e daqueles desenhos? Há quanto tempo aquelas gravuras foram executadas no morro?

Em primeiro lugar, os fragmentos das gravuras executadas sobre as placas de granito, atestam a existência de homens sobre o Tchitundulo anteriormente à clivagem da rocha. Assim, a história geológica da região e do Morro pode vir trazer dados concretos para a história dos primitivos homens das cavernas do Capolopopo.

No interior das Covas surgem as pinturas rupestres que se afiguram mais recentes, apesar do estilo ser deveras parecido com o estilo das gravuras.

Quem teriam sido os primitivos habitantes das cavernas?

Elementos da raça Mucuisse?

O problema da raça que habitou o Morro do Tchitundulo é de difícil solução.

De qualquer maneira os Mucuïsses não têm a mais pequena ideia sobre quem pudesse ter sido o autor das gravuras, mas mantêm uma certa veneração pelo monte, afirmando que os círculos concêntricos gravados no Tchitundulo são os astros, principalmente, o Sol.

Em nenhuma outra estação de arte rupestre de Angola há tão grande número de desenhos, representações de pequenos animais, como os desenhos esquematizados do Tchitundulo.

Qual o significado daquele chagal no início da vertente norte do Morro?

Haverá alguma relação entre as figurações do Tchitundulo e uma vaga manifestação em relação a determinadas plantas?

Que profundas intenções descobriremos nas figurações cruciformes e alguns desenhos "radiográficos"?

Haverá qualquer semelhança entre alguns sinais da escrita Bamum, em diversas fases da sua evolução e alguns desenhos do Tchitundulo?

Enfim, qual o significado, qual a finalidade, quais as intenções que teriam os autores das inscrições e pinturas rupestres do Morro Sagrado dos Mucuisses?

REDEANGOLA

No meio do deserto do Namibe, em caminhos que só se chegam com olhos habituados ao nada, milhares de figuras cobrem cerros e pedras. As pinturas rupestres de Tchitundo-Hulo são impressão digital dos povos que habitaram estas terras muito antes da chegada dos bantos.

Giramos a bússola para o sul. À procura de respostas.

Há muitos, muitos anos, as paredes das rochas do deserto sul viraram tela. Um enorme mural ao ar livre com milhares de figuras coloridas. A maioria, desenhos abstractos e circulares – talvez o universo em si mesmo, o cosmos visto nas noites limpas do deserto -; outras poucas, mais reconhecíveis, com antílopes e cobras a marcar o traço.

O complexo rupestre de Tchitundo-Hulo, em Capolopopo (município do Virei, Namibe), é um dos tesouros culturais mais valiosos de Angola. A quantidade impressionante de gravuras data de épocas remotas – há quem diga 2000 anos, há quem diga 4000 – e ocupam várias estações: Tchitundo-Hulo Mulume, a primeira a ser encontrada; Tchitundo-Hulo Mucai e as Pedras da Lagoa e das Zebras. São morros graníticas, tectos e paredes salpicados de histórias ainda hoje por decifrar.

As gravuras começaram a ser estudadas em 1952, por Camarate França. Mil e uma teorias têm surgido desde então para explicar esta obra-prima dos povos do deserto.

Tudo indica que o lugar foi um importante ponto de passagem dos primeiros habitantes da região, os Cuissis. Povo anterior à chegada dos bantos que poderão ter escolhido o lugar como acampamento ou catedral ritual.

Mas isso foi apenas o ponto zero. O mais fascinante do Tchitundo-Hulo é que marca uma forte tradição de milhares de anos. Dizem os académicos que a diversidade de traços, a maior ou menor visibilidade das gravuras é um sinal que desde os primeiros povos até tempos mais recentes, o morro do Tchitundo-Hulo nunca deixou de ser pintado. Pré-histórico e contemporâneo, Cuissi e Herero, o antes e depois ali representado.

Na verdade, a estação do Tchitundo-Hulo pode ser uma simples peça de um enorme puzzle que cobre o Namibe. As autoridades já identificaram na região um total de 18 estações arqueológicas similares, algumas a centenas de quilómetros de distância. O desafio de identificar os pontos de interesse, junta-se ao da preservação. A erosão das rochas, o vandalismo de gente que não entende o valor das gravuras, e a falta de medidas para conservar o lugar ameaçam a história milenar do Tchitundo-Hulo. A placa oficial inaugurada pelo governo lá está, a marcar a intenção. Mas isso não é suficiente.

Circunferências, linhas rectas, mapas do céu e das estrelas que há milhares de anos cobrem o deserto. Olhos-ritual, local de passagem e sambos que já não existem. Povos de para lá de antes, do antes e do depois. Todos reunidos num mesmo lugar com os seus pensamentos e formas de ver o mundo. Este lugar é mágico e esconde respostas a perguntas eternas. Frequentado deste tempos remotos, o Tchitundo-Hulo pertence a uma vasta região que começa a ser vista por alguns cientistas como o verdadeiro berço da Humanidade. As nossas terras do sul podem esconder assim, debaixo da terra seca, a chave da vida, o início do Homem.

Viaje pelo deserto e ajude a difundir e conservar esta parte da nossa História. Angola não começou com os reinos bantos do Kongo ou Ombaka. Houve outros reis antes dos manikongos, de Jinga e Ngola Kiluanji. As impressões digitais dos primeiros habitantes do que hoje é o nosso país lá estão. Descubra-as.